



Coleção: A MÃE DE DEUS

A statue of the Virgin Mary, known as Our Lady of Lourdes, is shown from the waist up. She is wearing a white robe with gold embroidery on the hem and shoulders, and a golden crown. Her hands are clasped in prayer. The background is a clear blue sky.

Agostinho Tavares

MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

Textos: **Agostinho Tavares**

© Editrice Shalom - 20.04.25 Páscoa da Ressurreição

ISBN **979 12 5639 225 4**



**São José e São Miguel Arcanjo
ARTIGOS RELIGIOSOS E LIVRARIA, LDA**

Rua de Santa Isabel, 10
2495-424 Fátima, PORTUGAL
NIF: 516839519 - PORTUGAL

Para encomendar este livro indique o código 8408
geral@livrariasaojose.pt

Tlm. loja 00351 913 052 746
Telf. 00351 249 158 189
seg - dom das 9:00 às 18:00

Whatsapp 00351 913 052 746
(só para mensagens de texto)



**Para encomendar este livro em Itália,
indique o código 8408**
www.editriceshalom.it
ordina@editriceshalom.it

A editora Shalom não concede os direitos de autor (nem patrimoniais, nem morais) ao autor do presente livro.

Impresso em abril 2025, impressão e acabamentos Elcograf.

Índice

Prefácio	7
Introdução	11
Mistérios Gozosos.....	23
1º Anunciação do anjo a Maria	24
2º Visitação de Maria a sua Prima Isabel	31
3º Nascimento de Jesus em Belém	38
4º Apresentação do Menino Jesus no Templo	46
5º Perda e Encontro do Menino Jesus no Templo	52
Mistérios Luminosos	59
1º Batismo de Jesus no Jordão	60
2º Manifestação de Jesus nas Bodas de Caná	64
3º Anúncio da Boa Nova do Reino e Convite à Conversão.....	70
4º Transfiguração de Jesus no Tabor	74
5º Instituição da Eucaristia	80
Mistérios Dolorosos	87
1º Agonia de Jesus no Getsémani.....	88
2º Flagelação de Jesus	93
3º Coroação de Espinhos	97
4º Jesus Carrega com a Cruz a Caminho do Calvário ...	101
5º Crucifixão e Morte de Jesus	105
Mistérios Gloriosos.....	113
1º Ressurreição de Jesus	114
2º Ascensão de Jesus ao Céu.....	119
3º Vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes	123
4º Assunção de Nossa Senhora ao Céu	127
5º Coroação de Nossa Senhora como Rainha do Céu e da Terra	131



Prefácio

Na Carta Apostólica o *Rosário da Virgem Maria*, o Papa São João Paulo II escreveu: «*O Rosário da Virgem Maria, que ao sopro do Espírito de Deus se foi formando gradualmente no segundo Milénio, é oração amada por numerosos Santos e estimulada pelo Magistério*»¹.

Afirmar que o Rosário da Virgem Maria «*se foi formando gradualmente ao sopro do Espírito de Deus*», significa indicar a fonte divina da sua origem. Já o Papa Pio XII o tinha feito, quando afirmou que o «*Rosário tem uma origem mais celeste que humana*»². Este não é um detalhe superficial, como tantos outros que se podem dizer. Pelo contrário, aceitar a origem mais celeste que humana do Rosário, é a condição essencial para se perceber toda a sua riqueza e atualidade.

Afirmar que «*o Rosário se foi formando gradualmente ao sopro do Espírito de Deus*», contradiz frontalmente a ideia de que ele é uma oração de cariz meramente popular, monótona e cansativa, própria de uma espiritualidade infantil e pouco profunda. Há, na

1 JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, n. 1.

2 PIO XII, Carta Encíclica *Ingruentium Malorum*, de 15 de setembro de 1951, n. 5.

verdade, uma ideia que deturpa a verdadeira fisionomia do Rosário, quando se defende que ele não tem profundidade teológica, mas entretém o povo simples com a repetição mecânica de orações.

A este respeito, já em 1921, para os que combatiam a grande farsa jesuítica de Fátima, que se difundia cada vez mais, uma das provas dessa falsidade era o pedido insistente da recitação do Rosário. A imprensa noticiava, ironicamente, que a Senhora, que diziam ter aparecido, tinha proposto a singular invenção do Rosário, que roubava tempo que se podia empregar em coisas úteis e que aproveitassem a alguém, pois o único resultado que se obtinha, na recitação da enfiada de contas, era o atrofiamento da imaginação e da inteligência³.

A singular invenção do Rosário é, sem dúvida, uma daquelas “invenções” que o Espírito de Deus foi suscitando na vida da Igreja e que Ele próprio moldou. É bom recordar, a este respeito, o que diz o Catecismo da Igreja Católica: «*O Espírito Santo é o artífice da tradição viva da oração. Há, é certo, tantos caminhos na oração como orantes; mas é o mesmo Espírito que age em todos e com todos*»⁴.

Nesta tradição viva da oração, o Espírito de Deus

3 Cf. Artigo do jornal “O Mundo”, de 12/12/1921, in Documentação Crítica de Fátima III, 3, Doc. 676, p. 249.

4 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2672.

foi o artífice do Rosário, o qual foi moldado paulatinamente. Assim se entende que a Virgem santa Maria, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tenha pedido com tanta insistência: «*Quero que continuem sempre a rezar o terço todos os dias*» (Memórias da Irmã Lúcia, relato da aparição de outubro de 1917). Esta insistência confirma que o Rosário não é uma prática piedosa do passado, uma oração de outros tempos, um saudosismo estéril. O Rosário, sendo uma “*invenção*” do Espírito de Deus, é uma oração do futuro, porque tem os mistérios de Cristo no centro, aos quais foram associadas Maria e a Igreja, da qual Ela é imagem e Mãe. O Rosário é uma oração do futuro, porque medita e reza a Sagrada Escritura, que é a bússola que indica a vontade de Deus, para cada tempo e para cada homem. O Rosário é uma oração do futuro, porque foi recomendado inconsistentemente pela Virgem de Fátima. E Ela, que é do Céu, não nos engana.

As meditações elaboradas pelo padre Agostinho Tavares Medeiros, que aqui são apresentadas, são um precioso instrumento de oração. Elas ajudam a entrar no mistério espiritual, que se esconde em cada mistério do Rosário. Assim, meditando e rezando, o mistério se fará oração e vida, para proveito de todos e salvação do mundo.

Fátima, 22 de outubro de 2024,
Memória de São João Paulo II,
Padre João Paulo Quelhas Domingues



Introdução

O Rosário é uma bela oração, mas que nem todos os cristãos apreciam ou, embora digam que apreciam, não rezam. Há até cristãos que a menosprezam. Não poucos se queixam de ser uma oração repetitiva e monótona, eximindo-se, por via disso, de a rezar. Creio, no entanto, que a monotonia só acontece quando falta o amor. Tudo o que fazemos, seja oração ou qualquer outra atividade, quando desprovido de amor, torna-se cansativo e enfadonho. E a oração do Rosário não é exceção. Ela torna-se murmúrio constante, suave e doce como brisa refrescante, quando rezada com amor e por amor. Como sugere, aliás, o nome «Rosário», esta oração pode ser vista e vivida como um conjunto de rosas oferecidas à Virgem Maria e a seu divino Filho. Se repararmos bem, a primeira parte da Ave-Maria é composta por elogios dados a Maria, que culminam em Jesus, fruto bendito do seu ventre.

O Rosário é uma oração que tem sido recomendada por um significativo número de Santos e de Papas. Mais ainda. Nas Aparições mais notáveis da Virgem Maria, Ela tem recomendado com veemência esta bela e poderosa oração. Vejamos sucintamente como surgiu no peregrinar histórico da Igreja esta singela e, ao mesmo tempo, extraordinária oração.

Comecemos por considerar as orações que fazem parte do Rosário. Há uma que a Igreja reza desde o princípio: o Pai Nosso. Esta prece é um ensinamento de Jesus Cristo sobre a oração, na qual Ele nos assinala as atitudes bem como os conteúdos fundamentais da oração. A Igreja assumiu-a, entretanto, como uma oração, que reza sem cessar, no decorrer dos séculos. Não existe oração mais bíblica – inclusive os salmos que integram a Liturgia das Horas – nem mais evangélica do que esta, pois a Igreja a recebeu do próprio Senhor Jesus.

A oração que mais repetimos no Rosário é a Ave-Maria⁵. Ela tem a sua origem principal no Evangelho, pois a primeira parte foi dele extraída. Importa, todavia perceber que ela se foi formando ao longo de séculos. No século IV a Igreja já rezava a saudação do anjo Gabriel a Maria: «Ave, ó cheia

5 Note-se que a Ave-Maria não foi a primeira oração que a Igreja dirigiu a Maria. A prece mais antiga a Nossa Senhora que se conhece, é a oração «Sub tuum Praesidium». Sabemos que remonta ao tempo das perseguições, dado que está num papiro do século III, encontrado no Egito: «À vossa proteção nos acolhemos Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades; mas livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita». Esta oração mostra que já então a Igreja acreditava no dogma de Santa Maria, *Mãe de Deus* [Theotókos], definido pelo concílio de Éfeso, no século IV.

de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1,28). No século VII esta saudação do anjo foi integrada como antífona do ofertório da festa da Anunciação. No século XII, juntou-se à saudação do anjo Gabriel, a de Isabel: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc 1,42). No século XIII, o papa Urbano IV acrescentou a palavra «Jesus». Ficava assim completa a primeira parte da Ave-Maria, tal como hoje a rezamos. No século XV acrescentou-se a segunda parte, antífona que remonta à Idade Média. No século XVI, o papa Pio XV oficializou a forma atual da Ave-Maria.

Atribuída ao monge beneditino Hermann de Reichenau, a Salve Rainha, que encerra a oração do Rosário, surgiu no século XI, se bem que tenha sido enriquecida ao longo dos séculos. Nela saudamos Maria como Rainha e Mãe de misericórdia.

O Glória, rezado no fim de cada dezena, é uma breve doxologia, um hino de louvor, que nos coloca no centro da fé cristã. Nele louvamos e damos glória à Santíssima Trindade. Esta oração tornou-se universal a partir do primeiro Concílio Ecuménico de Niceia, realizado no ano 325.

É hoje em dia habitual rezar, depois de cada Glória, duas jaculatorias. A primeira foi ensinada por Nossa Senhora das Graças, quando apareceu a Santa Catarina Labouré, em Paris, em 1830, e recomendou a devoção da medalha milagrosa: «Ó Maria, conce-

bida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós». Nesta breve jaculatória, a Virgem Maria aponta para o dogma da Imaculada Conceição, definido pelo papa Pio IX, em 1854. Em Lurdes, em 1858, a Virgem Maria apresentou-se a Santa Bernardete com o título de Imaculada Conceição. A segunda jaculatória foi igualmente ensinada por Nossa Senhora, na terceira Aparição de Fátima, ocorrida a 13 de Julho de 1917, após ter mostrado o inferno aos pastorinhos e ter dito que viria pedir a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração: «Quando rezais o Terço, dizei depois de cada mistério: “Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem”». Trata-se, em definitivo, de uma súplica de perdão dirigida ao Senhor, e de intercessão em favor da salvação de todas as pessoas.

A consideração, ainda que muito breve, das orações que integram o Rosário, já nos mostra, só por si, a riqueza e profundidade desta bela e poderosa oração. Mas o Rosário comporta ainda a meditação dos mistérios de Jesus Cristo. Se o Rosário é, sem dúvida, uma oração mariológica, é igualmente uma oração cristológica, que tem as suas raízes mais profundas no Evangelho. Antes, porém, de avançarmos na consideração dos mistérios do Rosário, detenhamo-nos, ainda que brevemente, a considerar a sua origem histórica.

A oração do Rosário levou séculos a ser plasmada. Primeiro, as orações que a compõem. Depois, a oração no seu todo. No início do século XIII tinha alastrado, particularmente em França, a heresia dos albigenses. Tendo ido para França, a fim de combater esta heresia, S. Domingos de Gusmão⁶, em 1214, numa altura em que se encontrava em Toulouse e orava pela conversão dos pecadores, teve uma aparição da Virgem Maria. Nessa aparição, Nossa Senhora disse-lhe: «Reza o meu saltério»; e entregou-lhe o Rosário que trazia em suas mãos. No combate à heresia dos albigenses, ele, coadjuvado pelos seus frades, divulgou com grande ardor esta oração.

Porque chama a Virgem Maria «o meu saltério» ao Rosário? Porque se trata duma oração composta por 150 Ave-Marias, número dos salmos que integram o Saltério bíblico⁷. Como entre o povo humilde – e até entre os frades mendicantes – poucos eram capazes de ler, o Rosário era uma oração fácil e acessível a letrados como a iletrados. Compreende-se, por isso, a rápida difusão que teve na Igreja.

Com o passar do tempo, a devoção do Rosário

6 Fundador insigne da Ordem dos Pregadores.

7 Os monges apoiavam a sua oração pessoal e comunitária no Saltério. Com o tempo, a Igreja denominou *Liturgia das Horas* a esta oração que se funda no Saltério.